

Classificação dos verbos manuais na libras: uma nova abordagem de configuração de mão
Classification of manual verbs in Brazilian Sign Language: a new hand configuration approach

Jessica Kwan Wah Mak¹, Marina Verniano²

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

RESUMO

Os verbos manuais na libras podem ser divididos em locativos, classificadores de entidade ou classificadores de instrumento (FARIA-NASCIMENTO; CORREIA, 2011). Pelo viés da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), Mak (2021) selecionou 8 verbos manuais, totalizando 37 entradas lexicais retiradas do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (CAPOVILLA et al., 2017), e verificou que parte deles não se enquadra nas categorias propostas por Faria-Nascimento e Correia (2011). Dessa forma, baseando-se nos tipos de formação de verbos: derivação, composição e fusão (*blend*) (XAVIER; NEVES, 2011), a autora propôs a classe de verbos com configuração de mão classificadora, onde todos os verbos são formados por classificadores SASSes (SUPALLA, 1986) e por *blends*. Este artigo analisa a proposta de Mak (2021) e sugere que os verbos da nova classe são formados por classificadores semânticos (SUPALLA, 1986) e podem ser formados por *blend* e por composição.

PALAVRAS-CHAVE:

Libras. Verbos manuais. *Blends*. Formação de sinais. Classificadores semânticos.

ABSTRACT

Manual verbs in libras can be divided into locatives, entity classifiers or instrument classifiers (FARIA-NASCIMENTO; CORREIA, 2011). Through the Distributed Morphology framework (HALLE; MARANTZ, 1993), Mak (2021) selected 8 manual verbs, totaling 37 lexical entries taken from the Dictionary of Brazilian Sign Language (CAPOVILLA et al., 2017), and found that some of them do not fit into the categories proposed by Faria-Nascimento and Correia (2011). Thus, based on the types of verb formation: derivation, composition and fusion (*blend*) (XAVIER; NEVES, 2011), the author proposed the class of verbs with classifying hand configuration, where all verbs are formed with SASSes classifiers (SUPALLA, 1986) and by blends. This article analyzes Mak (2021) proposal and suggests that the verbs of the new class are formed by semantic classifiers (SUPALLA, 1986) and can be formed by blend and composition.

KEYWORDS:

Brazilian Sign Language. Manual Verbs. Blends. Sign Formation. Semantic Classifiers.

Recebido em: 04/08/2024

Aceito em: 12/12/2024

¹ E-mail: jessica.kwan@unifesp.br | ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6535-1676>

² E-mail: mverniano@unifesp.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0055-4153>

Introdução

Os estudos aprofundados da gramática da Língua Brasileira de Sinais (libras), e de qualquer língua natural, com enfoque nas estruturas sintáticas e morfológicas da língua, são essenciais para promover uma compreensão mais completa e efetiva da língua em questão (QUADROS; KARNOPP, 2004). Com o intuito de corroborar os estudos morfológicos da libras, este artigo tem como objetivo principal revisar a nova categoria³ para a classificação dos verbos manuais⁴ na libras, proposta por Mak (2021), e intitulada de classe de *verbos com configuração de mão classificadora*⁵.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 204), “[o]s verbos manuais envolvem uma configuração de mão em que se representa estar segurando um objeto na mão”. A partir da definição proposta pelas autoras, Faria-Nascimento e Correia (2011) propõem uma divisão tripartida para classificação dos verbos manuais na libras: (i) verbos locativos; (ii) verbos classificadores de instrumento; e (iii) verbos classificadores de entidade. À luz de Faria-Nascimento e Correia (2011), Ferreira (2013) analisa as classes propostas, bem como alguns verbos da libras e propõe que, de forma geral, os verbos manuais podem ser formados ora por incorporação⁶, ora por derivação⁷. Entretanto, ao observar a realização de alguns verbos manuais, como ABRIR-PORTA ou CAIR-COPO, Mak (2021) observa que nem todos os verbos manuais enquadram-se nas categorias propostas por Faria-Nascimento e Correia (2011) e que nem todos eles formam-se pelos fenômenos propostos por Ferreira (2013).

Xavier e Neves (2016) propõem que a formação de sinais na libras pode se dar por: (i) incorporação; (ii) derivação; (iii) composição; ou (iv) fusão. Essa última também é conhecida como

³ O presente artigo revisa a proposta de Mak (2021), onde a autora propõe uma nova categoria de classificação de verbos manuais na Libras.

⁴ Alguns autores como Sofiato, Reily, Alquino-Albres e Santiago (2012) traduziram o termo *handling verbs* como *verbos de manuseio*. Neste trabalho, entretanto, seguimos a tradução adotada por Quadros e Karnopp (2004): *verbos manuais*.

⁵ Há modelos teóricos em que os verbos manuais são tratados como *verbos depictivos*. Essa definição baseia-se na teoria peirceana de signo que, conforme apontado por Jakobson (1969), resume-se a três tipos de signos propostos por Pierce: índice, ícone e símbolo. O presente trabalho parte da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993) oriunda da Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1981; 1986; 1995). Por esse motivo, utilizamos o termo “verbo manual”. Para maiores detalhes sobre *verbos depictivos* na libras e Teoria Peirciana, referir-se a Liddel (2003); Xavier e Albuquerque, (2024); e Jakobson (1969).

⁶ Segundo Brito (1995 *apud* Ferreira, 2013, p.60), a incorporação de instrumentos na libras ocorre através de informações léxico-sintáticas, resultando na combinação da informação lexical com a informação sintática, como em COMER-MAÇÃ e MAÇÃ, onde há uma equivalência entre os sinais e, para a autora, isso representa a incorporação do objeto ao item verbal, mesmo que o sinal de COMER não seja realizado.

⁷ De acordo com Xavier e Neves (2016), a derivação acontece a partir da mudança de um (ou mais) dos cinco parâmetros de um (ou mais) sinais primitivos, para a formação de um novo sinal. Esse processo será mais detalhado na subseção 3.2.

blend, termo adotado neste artigo. Segundo Minussi e Nóbrega (2015, p. 161) os *blends* são um processo morfológico em que há “[...] a subtração de segmentos fonológicos, levando-se em consideração que a sobreposição de segmentos de suas palavras-fontes [*sic*] caracterizam um tipo de subtração.” Em outras palavras, eles se caracterizam pela fusão de duas palavras, onde há perda fonológica, como em “chafé” no português brasileiro (PB), que representa a fusão, ou o *blend* de “chá” e “café”, ou como ABRIR-PORTA na libras, representando a fusão de ABRIR e do classificador de PORTA.

A partir da concepção de *blend* (MINUSSI; NÓBREGA 2014; 2015) e da proposta de classificação tripartida (FARIA-NASCIMENTO; CORREIA, 2011), Mak (2021) analisa 37 entradas lexicais de oito verbos⁸, todos retirados do *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas mãos* (CAPOVILLA *et al.* 2017)⁹, pelo viés da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), e argumenta em favor da existência de uma nova classe para classificação dos verbos, a qual daria conta de explicar verbos que são formados exclusivamente a partir de *blends*, que apresentam os classificadores (CLs)¹⁰ do tipo SASSes (SUPALLA, 1986) em sua realização, e que não apresentam, necessariamente, um locativo, um instrumento, ou uma entidade animada.

Ao revisitar os dados e a análise proposta por Mak (2021), entretanto, percebemos que alguns dos verbos da nova classe (*verbos com configuração de mão classificadora*) não são formados por *blends*, mas sim por composição, ou seja, pela junção de dois sinais de forma simultânea ou sequencial (SUPALLA, 1986; RODERO-TAKAHIRA, 2015). Ainda, percebemos que todos eles apresentam CLs do tipo semântico (SUPALLA, 1986), diferentemente do proposto pela autora. Dessa forma, pretende-se apresentar a nova classe de verbos manuais proposta por Mak (2021) e revisar de que forma esses verbos são formados, a fim de mostrar que, mesmo com a formação por *blends* e por composição e com a presença dos classificadores semânticos, todos eles se enquadram na nova classe proposta pela autora.

Este artigo divide-se em cinco partes, além da presente introdução. A seção 1 resume o funcionamento da perspectiva teórica adotada por Mak (2021): a Morfologia Distribuída (MD) (HALLE; MARANTZ, 1993), e apresenta quais aspectos da teoria são aplicados na análise de dados.

⁸ As 37 entradas lexicais referem-se a formas diferentes de sinalização do mesmo verbo, não a traduções diferentes, por exemplo: PINTAR-PAREDE ou PINTAR-UNHA - a forma como o verbo é sinalizado varia de acordo com o objeto ao qual ele se relaciona.

⁹ A análise apresentada aqui restringe-se aos sinais presentes no *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas mãos* (CAPOVILLA *et al.* 2017) e não considera variações dialetais dos verbos analisados.

¹⁰ Na libras, os CLs são morfemas que podem ser afixados a sinais a fim de indicarem a classe à qual esse sinal pertence, ou para determinarem/descreverem a forma como ele se comporta, no caso de verbos (QUADROS, *et al.*, 2008). Maiores detalhes sobre o funcionamento dos CLs estão descritos na subseção 2.1.

A seção 2 divide-se em três subseções, e apresenta o funcionamento de CLs da libras (SUPALLA, 1986; QUADROS *et al.*, 2008), a divisão tripartida dos verbos manuais (FARIA-NASCIMENTO; CORREIA, 2011) juntamente com análise Ferreira (2013), e a apresentação de formação de sinais proposta por Xavier e Neves (2016). A seção 3 apresenta a metodologia utilizada por Mak (2021). A seção 4 divide-se em duas subseções, onde há a apresentação dos dados, seguida da análise deles. Por fim, a última seção dedica-se às considerações finais.

1. Morfologia Distribuída nas Línguas de Sinais

A Morfologia Distribuída (MD), desenvolvida por Halle e Marantz (1993), propõe um novo modelo para a arquitetura da gramática, desafiando as abordagens tradicionais da morfologia. Segundo os autores, a gramática é composta por três componentes principais: a sintaxe, a forma fonológica e a forma lógica, e a morfologia interage diretamente com esses componentes, distribuindo traços morfológicos ao longo da derivação, fazendo com que ela não seja um componente autônomo, mas sim um processo que ocorre em várias etapas da derivação sintática. Com relação à formação de palavras, Bassani (2013) afirma que, dentro desse modelo teórico, elas são formadas a partir das mesmas operações responsáveis por formarem as frases: concatenar e mover. Segundo a autora “[e]ssas operações vão manipular elementos básicos, os *traços*, e a partir deles vão ser geradas tanto as palavras como as sentenças.” (p. 13).

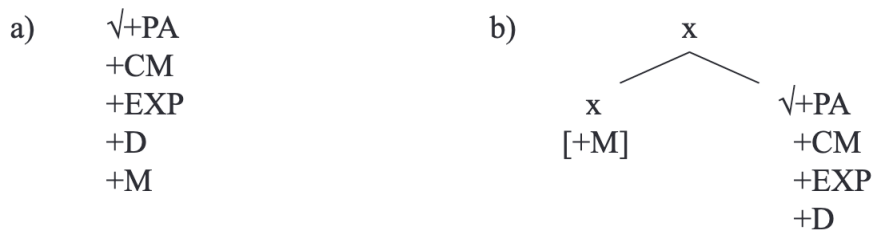
Considerando a língua brasileira de sinais, Minussi e Rodero-Takahira (2013) propõem que os parâmetros na libras, além de serem morfemas e fonemas, comportam-se como traços, e são responsáveis por caracterizar raízes abstratas, conseqüentemente, influenciando não só na formação do sinal, mas também em seus aspectos semânticos.

De modo geral, a gramática das línguas de sinais baseia-se em cinco parâmetros (STOKOE, 1960; BATTISON, 1974; 1978): (i) Configuração de Mão (CM), que refere-se à forma em que a mão estará na realização do sinal; (ii) Ponto de Articulação (PA), o qual representa o local onde o sinal será realizado; (iii) Movimento (M)¹¹, que refere-se à movimentação das mãos na realização do sinal; (iv) Orientação da Mão (Or), a qual refere-se a direção da palma da mão durante a realização do sinal; e (v) Expressões não manuais (ENM), as quais referem-se às expressões faciais durante a

¹¹ Segundo Ferreira-Brito (1990), existem quatro categorias para a classificação do movimento: tipo, direcionalidade, maneira e frequência; e o tipo de movimento pode ser responsável por distinguir a categoria dos itens lexicais na libras. Para uma explicação mais detalhada do Movimento, referir-se à Ferreira-Brito (1990).

realização dos sinais. Dessa forma, considerando o modelo de traços proposto por Minussi e Rodero-Takahira (2013), os parâmetros atuam da seguinte forma na formação de sinais:

Figura 1 – Modelo de traços na libras



Fonte: Minussi e Rodero-Takahira, 2013, p. 214

A partir dessa análise de traços, Mak (2021) analisa quais traços estão envolvidos na formação e na realização dos verbos selecionados por ela, o que permite caracterizá-los e, por conseguinte, classificá-los na nova classe.

Para além da atribuição de traços, a arquitetura da gramática da MD é composta por três listas. Scher (2017, p. 37-38) descreve as listas da seguinte forma:

(i) uma lista 1, também chamada de "léxico reduzido" composta de traços morfossintáticos abstratos que alimentam a sintaxe, que opera com esses traços, formando derivações que serão enviadas ao componente morfológico; ii) uma lista 2, conhecida como "vocabulário", composta de itens vocabulares que interpretam as derivações sintáticas: na realidade, esses itens são regras que regulam a inserção de material fonológico nos nós terminais morfossintáticos abstratos resultantes da derivação sintática à qual se aplicam operações morfológicas variadas; iii) uma lista 3, a "enciclopédia", definidora de significados especiais para as expressões linguísticas (nosso conhecimento de mundo).

Para fins deste artigo, focar-nos-emos na Lista 3, a qual é responsável por reanalisar semanticamente algumas palavras que são formadas por *blends* (MINUSSI; NÓBREGA, 2014), que, no âmbito dessa pesquisa são os verbos manuais apresentados por Mak (2021). Ainda, atentarmos-emos aos traços presentes em cada um dos verbos analisados e, de que forma estes fazem com que a seleção de verbos enquadre-se na nova categoria. O detalhamento do funcionamento da lista 3 sobre os *blends* está explicitado na subseção 2.3.

2. Formação de Sinais na libras

Conforme mencionado na introdução, a nova classe de verbos proposta por Mak (2021) caracteriza-se principalmente pela utilização de CLs e pela forma como esses verbos são formados: por *blends*, em sua maioria. Para chegar a essa conclusão, a autora passa por três etapas: (i) ela discorre acerca dos CLs na libras (SUPALLA, 1986); (ii) apresenta a divisão tripartida proposta por Faria-Nascimento e Correia (2011); e (iii) discorre sobre os processos de formação de verbos na libras (XAVIER; NEVES, 2016). O ponto em comum dos dois últimos trabalhos é que ambos se baseiam na definição de verbos manuais proposta por Quadros e Karnopp (2004, p. 204). Esta seção divide-se em três subseções, e cada uma delas dedica-se à explanação teórica dos três aspectos utilizados por Mak (2021) para a análise de dados.

2.1 Os classificadores nas línguas de sinais

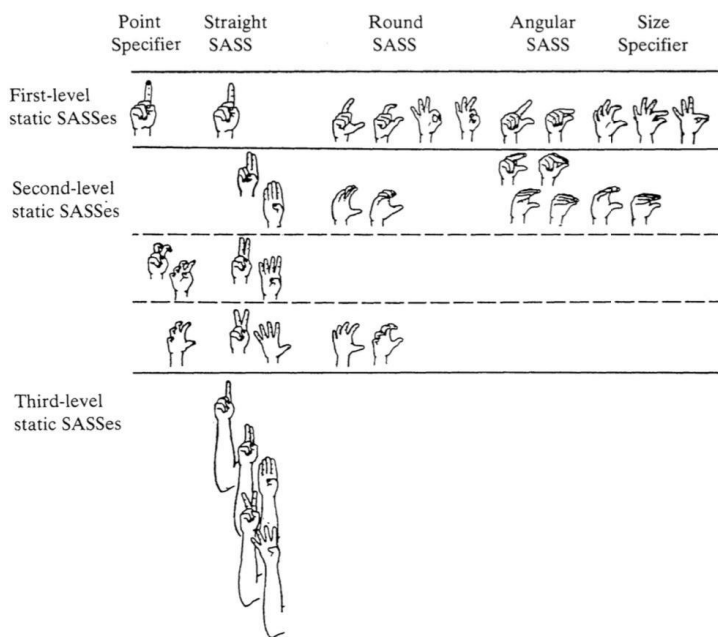
Os CLs nas línguas de sinais é um tema muito discutido e ainda não bem estabelecido entre os especialistas da área e cada um deles traz uma diferente definição do que são os CLs. Segundo Quadros (2008):

O classificador é um tipo de morfema, utilizado através das configurações de mãos que podem ser afixos a um morfema lexical (sinal) para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente se comporta na ação verbal (semântico) (QUADROS, *et al.*, 2008, p.46)

À luz de Supalla (1986), Mak (2021) assume que os CLs são estruturas morfológicamente complexas. Supalla (1986) discute o sistema de CLs na Língua Americana de Sinais (ASL) a partir da formação de construções com verbos de movimento ou localização, e propõe que os parâmetros formacionais (fonológicos) desses verbos também são morfemas, que eles podem ser transparentemente relacionados com seu significado, e, geralmente, são combinados simultaneamente, o que acaba gerando nos verbos uma representação dos objetos e movimentos do mundo real. O autor propõe que um M compõe a raiz dos verbos de movimento na ASL e esses verbos possuem morfemas CLs que, em geral, são CMs localizadas no caminho do M. A CM é variável e classifica o nome associado ao verbo (a CM nesses verbos pode representar um objeto com duas pernas ou quatro). De acordo com o autor, há diferentes maneiras para diferenciar os CLs, as quais serão exemplificadas a seguir.

A primeira classe, chamada de *SASSes (size and shape specifiers¹²)* refere-se aos CLs em que a CM e até mesmo o antebraço vão representar o tamanho e/ou formato do objeto. Esse tipo de CL se divide em duas classes: estáticos e de traço. Os estáticos apresentam uma CM que representa o tamanho e/ou formato do objeto, como por exemplo, um dedo indicador curvo que pode representar um gancho, ou o indicador reto representado um chifre:

Figura 2 – SASSes estáticos – ASL



Fonte: Supalla, 1986, p. 215

O SASSes de traço são aqueles em que a mão se movimenta no espaço traçando o formato e/ou tamanho do objeto, como na Figura 3:

¹² Tradução livre *especificadores de tamanho e forma*.

Figura 3 – Exemplo de SASSes de traço



Fonte: Supalla, 1986, p. 207

A segunda classe de CLs que o autor traz são os CLs semânticos, onde a mão inteira e não só parte dela é um morfema que se refere ao objeto, diferentemente dos CLs SASSes. Os CLs semânticos segundo Rodero-Takahira (2013, p.66) “[...] são especificados para algum tipo de movimento, seja o trajeto do verbo de movimento ou um movimento ondulado (um aceno de mão) para objetos mais fixos no espaço”. Supalla (1986) divide os CLs semânticos em duas categorias: (i) aqueles que representam uma entidade com pernas, que podem ser pessoas, animais, objetos (móvel), e os dedos representam cada uma das pernas (Figura 4); e (ii) aqueles que são divididos em três tipos com relação à sua função e à sua orientação espacial: posição vertical, horizontal e fixa em uma coluna, como por exemplo, o sinal de ESCOLA (CASA^ESTUDO).

Figura 4 – Entidade com pernas



Fonte: Rodero-Takahira, 2013, p. 67

A terceira classe proposta pelo autor é a do CL corporal no qual os seres animados que têm corpo e membros serão referenciados pelo corpo. Para Supalla (1986), este tipo de CL só deve se referir a seres animados. A quarta, refere-se às partes do corpo e o CL pode ser representado por SASSes ou membros do corpo. Por fim, a quinta e última classe são os CLs de instrumentos. Supalla (1986) afirma que cada substantivo possui um inventário próprio de CLs, ou seja, há inúmeros CLs para se referir a um mesmo substantivo. A escolha de um CL em um inventário será determinado

pelo foco que um sinalizador quer dar em um aspecto da interação entre o agente, instrumento e paciente.

Corroborando a proposta de CLs de Supalla (1986), Mak (2021) propõe uma nova classe de verbos, onde todos eles utilizam-se de CLs do tipo SASSes. A utilização desses CLs será explicitada na seção 5, onde são apresentados os dados e a análise proposta pela autora.

2.2 Um estudo sobre os verbos manuais da língua de sinais brasileira: Ferreira (2013)

Ferreira (2013) analisa os verbos manuais na libras sob a perspectiva da teoria gerativa e afirma que os verbos manuais são uma categoria que apresenta uma CM que parece segurar um determinado objeto que é exemplificado pela autora com COLOCAR-BOLO-FORNO e PEGAR, apresentado por Xavier e Neves (2016):

Figura 5 – Verbo manual COLOCAR



Fonte: Ferreira, 2013, p. 46

Figura 6 – Verbo manual PEGAR



Fonte: Xavier e Neves, 2016, p. 139

A partir de Faria *et al.* (2001), Ferreira (2013) afirma que os verbos manuais também são referidos como predicados de movimento ou de localização, ilustrando onde a ação ocorre, além

de incorporarem os instrumentos que predicam. De acordo com Faria-Nascimento e Correia (2011), os verbos manuais são classificados em três classes:

- i. **Verbos locativos:** aqueles que possuem afixo locativo, como COLOCAR, IR e CHEGAR;
- ii. **Verbos classificadores de entidade:** no qual há uma incorporação da CM do CL de entidade, como em ANDAR-PESSOA, ANDAR-ANIMAL;
- iii. **Verbos classificadores de instrumento:** no qual a CM representa a maneira que manipulamos o objeto numa ação, como em CORTAR-COM-TESOURA, PINTAR-COM-PINCEL, PASSAR-A-FERRO.

Com o intuito de verificar se os verbos manuais são formados por incorporação ou derivação, Ferreira (2013) selecionou os seguintes verbos para analisar: CORTAR, PENTEAR/ESCOVAR, PASSAR, ABRIR e PINTAR. Além desses verbos, a autora selecionou como instrumentos dos verbos, os seguintes objetos: TESOURA, CORTADOR-DE-UNHA (TRIM), FACA, MACHADO, PENTE, ESCOVA, ESCOVA-DE-DENTE, FERRO-DE-PASSAR, ABRIDOR-DE-LATAS, PINCEL e ROLO-DE-PINTURA.

No verbo CORTAR, Ferreira (2013) afirma que não há realização do verbo em si quando ocorre o uso dos instrumentos TESOURA, CORTADOR DE UNHA, FACA e MACHADO, pois estes por si só já representam o verbo, ou seja, o substantivo presente na oração assume a função do verbo, fazendo com que a realização do verbo em si seja dispensada. Isso ocorre não somente em CORTAR, mas também em PENTEAR, ESCOVAR, ABRIR, PASSAR e PINTAR, segundo Ferreira (2013, p.76). A autora afirma que esses verbos não possuem sinais próprios e nem um item lexical para eles. Com isso, ela retoma o conceito de incorporação afirmando que é uma combinação de dois itens lexicais e verifica que em seu *corpus*, não ocorre a incorporação do nome ao verbo, já que não há um sinal para eles na libras. Logo, a autora descarta a incorporação como processo de formação de palavras e passa a afirmar que os verbos de instrumento (citados anteriormente) são formados por derivação. A partir da afirmação de Quadros e Karnopp (2004) de que há uma distinção de verbo e nome através do movimento, Ferreira (2013) buscou averiguar se isso de fato ocorre, e concluiu que não há regularidade quanto ao movimento, uma vez que os participantes sinalizaram, em alguns momentos, nos nomes e em outros momentos, nos verbos. Com isso, os dados de Ferreira (2013) foram inconclusivos ao verificar se a diferenciação de verbos e nome se dá de fato pelo movimento.

Diferentemente dos verbos de instrumento, a autora afirma que os verbos BEBER/TOMAR e COMER possuem um comportamento diferente e são formados pelo processo de incorporação. Portanto, a autora insere os verbos em duas categorias: (I) formados por derivação (verbos de instrumento) e (II) formados por incorporação (BEBER/TOMAR, COMER).

Para embasar sua análise, Ferreira (2013, p. 77) traz a descrição do dicionário de Capovilla e Raphael (2001), afirmando que o sinal para BEBER tem uma sinalização própria e BEBER-CAFÉ constitui uma realização do sinal BEBER e XÍCARA, indicando que a incorporação ocorre quando há dois itens lexicais. O mesmo princípio se aplica a COMER e MAÇÃ, onde, segundo a autora, ocorre uma combinação morfossintática para formar o predicado.

Ferreira (2013) menciona o estudo de Faria-Nascimento e Correia (2011), concordando com a classificação dos verbos manuais em verbos classificadores de instrumentos e em verbos classificadores de identidade proposta pelos autores. No entanto, enquanto Faria-Nascimento e Correia (2011), conforme citado por Ferreira (2013, p. 79), sustentam que os verbos manuais são formados por meio da incorporação, Ferreira (2013) argumenta que é através da derivação que ocorre a formação desses verbos.

Os estudos realizados por Faria-Nascimento e Correia (2011), revisados por Ferreira (2013) são relevantes para o presente artigo, pois é a partir deles que Mak (2021) propõe uma nova categoria para os verbos de configuração de mão. Diferentemente do que é revisado e proposto por Ferreira (2013), Mak (2021) assume que nem todos os verbos de configuração de mão são formados pela incorporação e pela derivação, e que nem todos eles apresentam as características das classes supracitadas.

2.3 Descrição de aspectos morfológicos da libras: Xavier e Neves (2016)

Xavier e Neves (2016) têm como objetivo verificar os aspectos morfológicos da libras e trazem o conceito de flexão (BASÍLIO, 1987 *apud* XAVIER e NEVES, 2016), em que uma palavra pode assumir diferentes formas. Diferentemente, na derivação, há um reaproveitamento de palavras já existentes para representar novos conceitos. Johnston e Schembri (2007 *apud* Xavier e Neves, 2016) explicam que a modificação de sinais, equivalente à flexão, não cria novos sinais, mas sim diferentes formas de uma mesma palavra. Xavier e Neves (2016) acrescentam que algumas alterações de sinais na libras se assemelham à flexão nas línguas orais, pois não resultam na criação de uma nova palavra.

Na verdade, geram-se [...] diferentes formas de um mesmo sinal por meio das quais se expressam certos significados gramaticais. Na libras, observam-se entre esses casos aqueles em que a forma do sinal é modificado quando incorpora quantidade, negação, argumento e intensidade. (XAVIER e NEVES, 2016, p. 131)

Considerando a formação de sinais na libras, os autores identificam pelo menos três processos: i) derivação por alteração dos parâmetros do sinal primitivo; ii) composição; e iii) fusão. Xavier e Neves (2016: 141) destacam que a produtividade na criação de novas palavras em libras parece ser alta por meio da derivação por alteração de parâmetros, como no sinal PESQUISAR, em que, quando realizado mais de uma vez, deriva o sinal de PERGUNTAR (Figura 7).

Figura 7 – Exemplo de sinal derivado



Fonte: Xavier e Neves, 2016, p. 141

Para explicar a formação de palavras por composição, Xavier e Neves (2016, p.146) trazem o trabalho de Rodero-Takahira (2015), onde a autora assume que um sinal novo é formado a partir de outros dois sinais na libras como no sinais IGREJA (CASA+CRUZ) e ESCOLA (CASA+ESTUDAR)¹³. A junção de dois sinais para a criação de um novo sinal, segundo os autores, gera uma modificação na forma original das palavras, como no sinal ESCOLA, onde a junção (CASA+ESTUDAR), e acontece a perda da repetição do M de estudar (Figura 8).

¹³ Como Rodero-Takahira (2015) não apresenta a exemplificação dos sinais através de imagens, optamos por adicionar a Figura 8 – Sinal de ESTUDAR apresentada por Quadros e Karnopp (2004).

Figura 8 – Sinal de ESTUDAR

b. ESCOLA (casa + estudar)



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 103

Ainda com relação aos compostos, Rodero-Takahira (2015) afirma que eles podem ser simultâneos ou sequenciais. Segundo Brennan (1990) e Rodero-Takahira (2015), a principal diferença entre sinais compostos sequenciais e simultâneos é a forma como são realizados: os sequenciais são realizados um após o outro, enquanto os simultâneos são feitos ao mesmo tempo, e essa simultaneidade pode ser facilmente confundida com o *blend*, que será descrita adiante. Segundo Brennan (1990 *apud* RODERO-TAKAHIRA, 2014, p. 104) os compostos simultâneos apresentam cinco mudanças previsíveis:

- i. Em sua maioria, uma mão não dominante serve como base ou ponto de referência para a execução de outro sinal com a mão dominante, e não é necessário que as mãos se toquem;
- ii. Um sinal que normalmente usa ambas as mãos pode ser realizado com uma só mão, enquanto a outra mão é empregada para realizar um sinal diferente.
- iii. Um sinal que costuma ser feito com a mão direita pode ser feito com a mão esquerda.
- iv. O M que seria feito com a mão esquerda geralmente é omitido.
- v. O posicionamento de um ou ambos os sinais pode ser mudado.

Por fim, o terceiro processo de formação de palavras é a Fusão, ou *Blend*¹⁴, que se assemelha ao *portmanteau*, usado para formar palavras como “sapatênis”, “chafé” e “namorado”. Xavier e Neves (2016: 147) afirmam que diferente da composição, que combina duas palavras inteiras para criar uma nova, a fusão (*blend*, neste artigo) gera uma nova palavra a partir da união

¹⁴ Assim como Minussi e Nóbrega (2014), optamos em utilizar o termo em inglês (*blend*) por ser mais recorrente no linguajar morfológico.

de partes de duas palavras primitivas. Exemplos desse processo incluem LETRAS-LIBRAS, LETRAS-LIBRAS-BACHARELADO-EM-TRADUÇÃO e LETRAS-LIBRAS-LICENCIATURA. Um exemplo da formação de sinais por meio da fusão está explícito na Figura 9.

Figura 9 – Exemplo de blend na libras



Fonte: Xavier e Neves, 2016, p. 148

Com relação à fusão, Mak (2021) assume a definição proposta por Minussi e Nóbrega (2014, p. XX) de que: “[o]s *blends* se definem como um processo morfológico em que ocorre a fusão de duas palavras fontes, em que há perda fonológica de uma ou de ambas as palavras que compõem o *blend*.” Ainda, segundo os autores, o processo de formação de palavras por *blending* ocorre em diversas línguas e envolve a sobreposição ou eliminação de segmentos fonológicos, como no exemplo de “chafé”, onde o segmento /ka/ de “café” é removido. Enquanto muitos estudiosos acreditam que a motivação para o *blending* é fonológica, envolvendo a eliminação de segmentos com traços fonológicos semelhantes, Minussi e Nóbrega (2014) argumentam que a motivação principal é semântica, que pode criar efeitos estilísticos como jocosidade e humor. Além disso, alguns autores, como Sandmann (1990), consideram que os *blends* podem ser tratados como compostos.

Na libras, é possível encontrar compostos simultâneos e *blends*, mas a principal diferença entre eles pode estar na capacidade do sistema da libras para permitir a simultaneidade na execução dos sinais, possibilitando a sobreposição de elementos na sinalização de *blends*, o que gera a perda de segmentos fonológicos. Segundo Minussi e Nóbrega (2014), os *blends* têm uma estrutura sintagmática encurtada, que, embora semelhante à composição devido à concatenação de duas palavras ou raízes categorizadas, sofre apagamento, sobreposição ou reanálise semântica

dos segmentos devido a interferências da Lista 3, ou seja, essa lista é responsável por reatribuir significados aos sinais formados por fusão/*blend*.

Para Mak (2021), a simultaneidade na execução dos sinais e a perda de segmentos fonológicos é o principal fator que diferencia os *blends* de compostos simultâneos na libras. Essa simultaneidade pode resultar da capacidade de cada mão realizar um sinal de forma independente, refletindo o sistema viso-gestual, ou pode ser uma característica interna, como a combinação de um sinal com um classificador ou uma configuração de mão. Quando um sinal na libras é formado por um sinal convencional e uma configuração de mão ou CL, é mais provável que ocorra a perda ou sobreposição de parâmetros desses traços.

Essa diferença entre a formação dos sinais foi crucial, segundo a autora, para a criação da nova classe de verbos, a qual é composta apenas por verbos formados a partir do *blend*. A apresentação dessa nova classe está descrita na seção 5.

3. Metodologia

Baseando-se na definição de verbos manuais proposta por Quadros e Karnopp (2004) mencionada anteriormente e na proposta de Xavier e Neves (2016) de que eles têm como propriedade a variação da CM, dependendo do tamanho e do formato do objeto, Mak (2021) utilizou o Dicionário da Língua Brasileiras Sinais (2017) e selecionou oito verbos manuais da libras e suas variações, totalizando 37 entradas lexicais:

Tabela 1 - Verbos e suas entradas lexicais

Verbo	Entrada Lexical
ABRIR	PORTA, JANELA (1) e (2), GARRAFA, TAMPA, OS OLHOS (1) e (2)
ACENDER	A-LUZ, A-VELA (CL)
BALANÇAR	NA-GANGORRA, NA-REDE, BALANÇAR-SE (CL)
BATER	BATER (COLIDIR), PALMAS ¹⁵ , PORTA, NA -PORTA
CAIR	COPO, PAPEL, PESSOA (1) e (2), CANETA, A-CARA, BEM, A-LINHA
ESCOVAR	ESCOVAR (CL), OS DENTES (1) e (2)

¹⁵ Assumimos aqui que a entrada lexical BATER-PALMA não configura-se como um verbo manual, visto que não há representação de objeto na realização do sinal (QUADROS; KARNOPP, 2004).

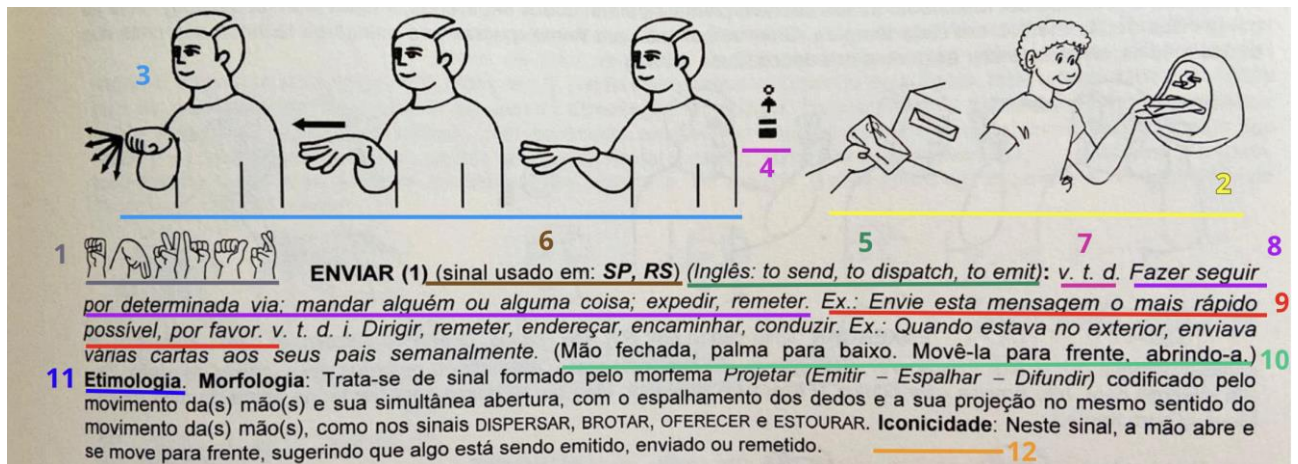
FECHAR	A-PORTA (1) e (2), COM-TAMPA, À-CHAVE (1) e (2)
PINTAR	PINTAR, AS-UNHAS (1) e (2), QUADROS, O-ROSTO/PINTAR-SE

Os verbos supracitados foram coletados da penúltima edição do *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas mãos* (CAPOVILLA *et al.* 2017)¹⁶ que, segundo os autores, é uma referência para a comunidade surda, pois surgiu a partir de inúmeras pesquisas em lexicografia da libras e cognição dos surdos do Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental da Universidade de São Paulo (LANCE-USP). A obra é dividida em três volumes e cada entrada lexical apresenta de dez a doze elementos que são resumidos da seguinte forma¹⁷: (1) soletração digital do verbete, conhecida como “datilologia” pelos estudantes de libras; (2) ilustrações do significado do sinal correlacionados ao português e/ou inglês; (3) ilustração precisa da forma do sinal com a ordem e setas de como realizar o movimento da sinalização; (4) escrita do sinal em *SignWriting*; (5) verbete do português e inglês, possibilitando a tradução da libras para o português; (6) sinal utilizado em diferentes estados do país; (7) classificação gramatical do verbete em português; (8) definição do significado; (9) exemplos de uso do verbete; (10) descrição de forma detalhada e sistemática do sinal; (11) etimologia do sinal e; (12) descrição de iconicidade do sinal. A Figura 11, retirada de Mak (2021), apresenta as doze características em diferentes cores:

¹⁶ Há versões anteriores deste dicionário: *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas* (Capovilla, Raphael e Mauricio, 2012a, 2012b), o *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira* (Capovilla e Raphael, 2006b, 2006c), *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira, sistemas de comunicação em rede para surdos* (Capovilla, Raphael e Macedo, 1998)

¹⁷ Para melhor compreensão do leitor, optamos por detalhar de que forma os sinais são apresentados no dicionário de Capovilla *et al.* (2017). Dessa forma, o leitor é capaz de compreender todas as informações presentes na representação do sinal e quais elementos são (ou não) relevantes para a análise aqui apresentada.

Figura 10 – Verbo ENVIAR



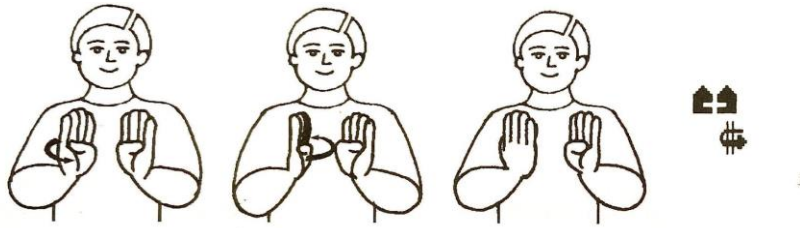
Fonte: Capovilla *et al.*, 2017, p. 1107 adaptado por Mak, 2021, p. 99.

Dessa forma, todos os verbos selecionados foram fotografados e analisados por Mak (2021), onde a partir da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), a autora identificou quais traços compõem cada um dos verbos e de suas entradas lexicais, e propõem uma nova categorização para alguns deles, levando em consideração a divisão tripartida proposta por Faria-Nascimento e Correia (2011) e a formação de sinais da libras desenvolvida por Xavier e Neves (2016). A próxima subseção apresenta os verbos selecionados e a análise proposta por Mak (2021)

4. Apresentação e análise de dados

Conforme mencionado na seção 3.2, Faria-Nascimento e Correia (2011) propõem três categorias para os verbos manuais: verbos locativos, verbos classificadores de entidade e verbos classificadores de instrumentos. Ao analisar as propriedades específicas dos verbos selecionados para a pesquisa, bem como de suas entradas lexicais no dicionário, Mak (2021) afirma que nem todos eles se enquadram nas categorias propostas Faria-Nascimento e Correia (2011). Em primeiro lugar, a autora afirma que verbos como **ABRIR-PORTA, ABRIR-JANELA (1), BATER-PALMAS, BATER-PORTA** e **FECHAR-A-PORTA (1) e (2)** não apresentam um afixo locativo, o que os impossibilita de serem classificados como verbos locativos. A Figura 11 apresenta a realização de **ABRIR PORTA**, onde é possível perceber a ausência de morfemas que indiquem relação entre a localização do sinal e a sua entidade correspondente.

Figura 11 – ABRIR-PORTA



Fonte: Capovilla *et al.*, 2017, p. 67

Em segundo, a autora explica que, de modo geral, os verbos classificadores de entidade são utilizados tanto para seres animados quanto para seres inanimados, referindo-se a entidades com pernas, como pessoas, animais ou móveis (como CADEIRA), e são representados pelo dedo estendido, como em CAIR-PESSOA (1) e (2) (Figura 12), o que não ocorre nos verbos mencionados.

Figura 12 – CAIR-PESSOA 1 (caindo ao solo)



Fonte: Capovilla *et al.*, 2017, p. 509

Em terceiro, Mak (2021) relembra que Faria-Nascimento (2011) afirma que os verbos classificadores de instrumento têm uma CM que indica a maneira de segurar o instrumento durante a execução da ação, observamos que expressões como ABRIR-PORTA, ABRIR-JANELA (1), ACENDER-A-LUZ, BALANÇAR-NA-GANGORRA, BALANÇAR-NA-REDE, BATER-PALMAS, BATER-PORTA e FECHAR-A-PORTA (1) e (2) não envolvem o uso de um instrumento para a realização da ação e, portanto, não apresentam uma CM que representa o instrumento. Em contraste, verbos como PINTAR-AS-UNHAS (1), ABRIR-GARRAFA, ABRIR-JANELA (2) e ESCOVAR possuem uma CM que expressa a forma de segurar o instrumento para a realização da ação¹⁸. A realização desses sinais está expressa nas Figuras 13 e 14:

¹⁸ Conforme mencionado anteriormente, existem algumas variações com relação à realização de alguns dos verbos aqui apresentados e, para a presente análise, foi considerada apenas a variação apresentada no dicionário de Capovilla *et al.* (2017). A sinalização de verbos como ABRIR-GARRAFA e ESCOVAR, por exemplo, pode variar de acordo com o formato da garrafa ao qual o verbo se relaciona, ou com o objeto que está sendo escovado, entretanto, a sinalização expressa no dicionário apresenta CM relacionada a objetos reais.

Figura 13 – ABRIR-PORTA



Fonte: Capovilla *et al.*, 2017, p. 67

Figura 14 – ABRIR-GARRAFA



Fonte: Capovilla *et al.*, 2017, p. 67

Dessa forma, os verbos selecionados pela autora que se enquadram na divisão tripartida proposta por Faria-Nascimento e Correia (2011) se resumem a: BALANÇAR-NA-GANGORRA, BALANÇAR-NA-REDE, BALANÇAR-SE, PINTAR-AS-UNHAS (2) e PINTAR-ROSTO/PINTAR-SE como verbos locativos, pois a realização deles apresenta um afixo de lugar; ABRIR-GARRAFA, ABRIR-TAMPA, ABRIR-JANELA (2), ACENDER-A-VELA, ESCOVAR (CL), ESCOVAR-OS-DENTES (2), FECHAR-COM-TAMPA, FECHAR-À-CHAVE (1) e (2) como verbos classificadores de instrumento, dada a CM específica para o objeto representado na ação; CAIR-PESSOA (1) e (2) como verbos classificadores de entidade, visto que há a representação de uma entidade [+animada]; e PINTAR-AS-UNHAS (1) como um verbo locativo ou como um verbo classificador de instrumento, por apresentar tanto o traço [+locativo], quanto a CM específica para o objeto presente na ação. Ainda, Mak (2021) considera os verbos ABRIR-OS-OLHOS (1) e (2), CAIR-CARA, CAIR-BEM e CAIR-A-LINHA como expressões idiomáticas, portanto estes não se enquadram na divisão tripartida (FARIA-NASCIMENTO; CORREIA, 2011), tampouco na nova classe proposta pela autora.

E apesar de concordar com as três categorias propostas por Faria-Nascimento (2011), Mak propõe uma quarta categoria para classificação de verbos na libras, intitulada *verbos com*

configuração de mão classificadora, a fim de enquadrar, além de alguns dos verbos selecionados por ela, outros verbos da Língua Brasileira de Sinais. De acordo com a autora, essa quarta categoria possui as seguintes características:

- i. Ela é restrita a entidades inanimadas, possuindo o traço [-animado];
- ii. Não expressa localização referente à entidade real representada pelo sinal, possuindo o traço [-locativo];
- iii. Ela utiliza os CLs do tipo SASSes (SUPALLA, 1986);
- iv. Os verbos são formados a partir de *blendings*;

Entretanto, ao analisarmos detalhadamente cada um dos verbos da nova classe proposta por Mak (2021), notamos duas especificidades: (i) os CLs SASSes (SUPALLA, 1986) são geralmente utilizados para representar objetos estáticos, mesmo que apresentem movimento em sua realização - o trabalho de Mak (2021), entretanto, por apresentar verbos manuais evidencia o uso de CLs do tipo semântico (SUPALLA, 1986), onde há a representação do objeto e do movimento da ação de forma obrigatória; e (ii) apesar de a maioria dos verbos serem formados por *blends*, alguns deles são formados por composição, como em CAIR -PAPEL. Dessa forma, propomos que as características da nova classe de verbos proposta por Mak (2021) se apresentam da seguinte forma:

- i. Ela é restrita a entidades inanimadas, possuindo o traço [-animado];
- ii. Não expressa localização referente à entidade real representada pelo sinal, possuindo o traço [-locativo];
- iii. Ela utiliza os CLs do **tipo semântico (SUPALLA, 1986), onde há um morfema (CM) para representar o objeto juntamente com o movimento a fim de representar a ação do verbo;**
- iv. Os verbos são formados a partir de *blends* **ou por composição simultânea ou sequencial.**

Considerando as duas primeiras características da nova classe de verbos, Mak (2021) argumenta que, diferentemente dos verbos classificadores de entidade e dos verbos locativos, os verbos classificadores de configuração de mão classificadora só podem ser usados para fazer

referência a seres inanimados, e não possuem morfemas que façam referência a lugares, como em ABRIR-JANELA:

Figura 15 – ABRIR-JANELA (1)

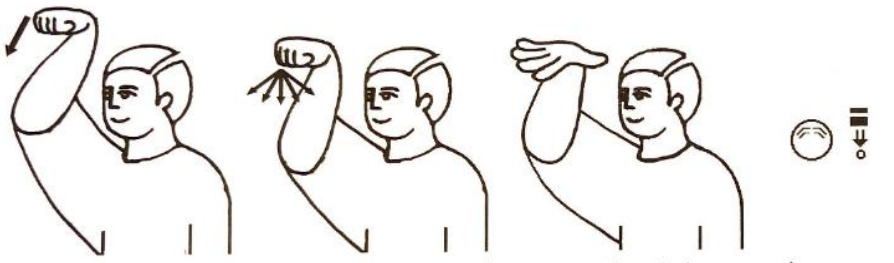


Fonte: Capovilla et al., 2017, p. 67

Por fazer referência à janela e por não apresentar morfemas específicos para a referência à localização de uma janela real, os traços presentes na realização do sinal são [-animado] e [-locativo].

Com relação ao terceiro ponto, conforme mencionado anteriormente, os CLs semânticos (SUPALLA, 1986) apresentam um morfema (CM) responsável pela representação do objeto presente na realização do verbo, além do movimento do sinal capaz de indicar a ação do verbo. Considerando os verbos analisados por Mak (2021) que se enquadram na nova classe, propomos que todos eles apresentam CLs semânticos, pois as entradas lexicais são formadas por [ação + objeto]. A Figura 16 exemplifica o funcionamento dos CLs semânticos nos verbos manuais da nova classe:

Figura 16 – ACENDER-A-LUZ



Fonte: Capovilla et al., 2017, p. 79

A CM de mão em S posicionada acima da cabeça representa o objeto presente no sinal - a luz -, ela é seguida do movimento de descida e de abertura das mãos, os quais representam a ação - acender. A dissociação entre CM e movimento impossibilitaria a realização do sinal, tornando

evidente a presença de um classificador semântico em sua realização. O mesmo ocorre com os outros verbos presentes no corpus.

Por fim, considerando a última característica dos verbos classificadores de configuração de mão, Mak (2021) retoma a proposta de Xavier e Neves (2016), apresentada na seção 3.3, em que os autores propõem que os sinais na libras podem ser formados de três formas distintas (derivação, composição e fusão (*blend*))¹⁹. Ao analisar as entradas lexicais selecionadas para o corpus, a autora propõe que todos os verbos da nova classe são formados por *blends*. Aqui, entretanto, propomos que uma pequena parcela deles é formada por composição.

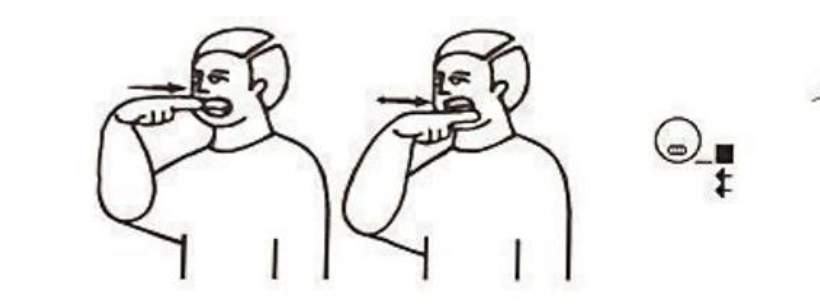
Em primeiro lugar, tratando-se da formação a partir de *blends*, Mak (2021) identifica os sinais que apresentam sobreposição de segmentos fonológicos e configuração de mão classificadora no M. A autora sugere que os sinais ABRIR-PORTA, ABRIR-JANELA (1), ACENDER-A-LUZ, BATER-PALMAS, BATER-PORTA, CANETA-CAIR, COPO-CAIR, PAPEL-CAIR, e FECHAR-A-PORTA (1) e (2) se enquadram nesse tipo de formação. Mak (2021) afirma que os exemplos mencionados são *blends*, pois demonstram fusão estrutural, tornando impossível determinar claramente o início e o fim de cada sinal devido à justaposição²⁰ entre eles. Entretanto, ao analisar detalhadamente cada um dos verbos, percebemos que na realização de ACENDER-A-LUZ, CANETA-CAIR, COPO-CAIR e PAPEL-CAIR, a representação do objeto e do movimento é feita separadamente e sem perda fonológica, configurando-se como compostos sequenciais. Com relação ao sinal BATER-PALMAS, conforme citado na metodologia do presente artigo, não o consideramos como um verbo manual.

Além disso, ao analisarmos os verbos manuais BATER (COLIDIR) e BATER-PORTA, percebemos que estes também não apresentam a formação a partir de *blends*, mas sim a partir da composição simultânea, onde há a realização do objeto no mesmo momento em que o movimento acontece, e não há perda fonológica. As Figuras 17, 18 e 19 apresentam respectivamente um verbo manual com configuração de mão classificadora formado por *blend*, um formado por composição sequencial, e um formado por composição simultânea.

¹⁹ Retomamos aqui que, conforme explicitado nas seções anteriores, a formação por fusão (*blend*) se aplica na formação de alguns sinais aqui apresentados, pois há perda fonológica na realização deles. Os sinais em que não há perda fonológica, são formados por composição simultânea ou sequencial.

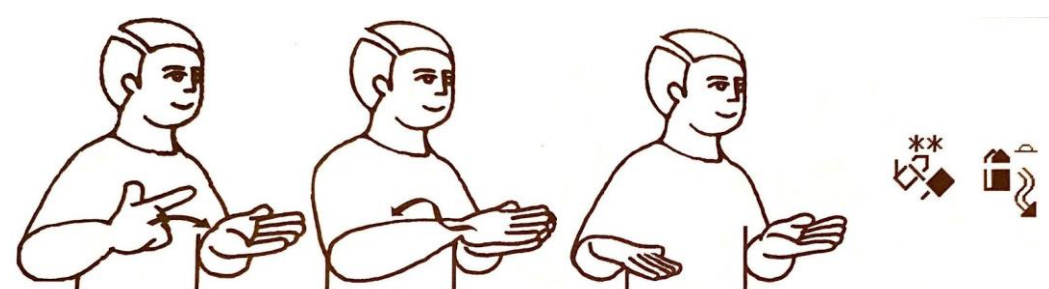
²⁰ A justaposição, nesse caso, refere-se ao fato de que um sinal se sobrepõe ao outro, gerando perdas fonológicas. Isso não implica, necessariamente, na presença ou na ausência de linearidade do sinal.

Figura 17 – ESCOVAR-OS-DENTES (1)



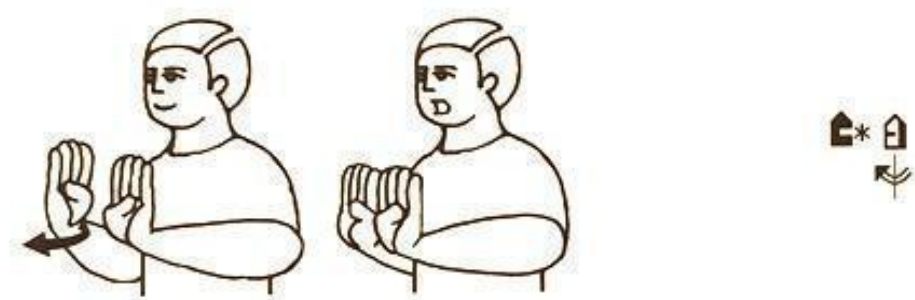
Fonte: Capovilla *et al.*, 2017, p.1130

Figura 18 – CAIR-PAPEL



Fonte: Capovilla *et al.*, 2017, p.509

Figura 19 – BATER-PORTA



Fonte: Capovilla *et al.*, 2017, p.390

Dessa forma, os verbos de configuração de mão classificadora são formados da seguinte maneira:

Tabela 2 - Formação dos Verbos Manuais de Configuração de Mão Classificadora

Verbos formados por <i>BLEND</i>	Verbos formados por COMPOSIÇÃO
ABRIR-PORTA	ACENDER-A-LUZ (sequencial) ²¹
ABRIR-JANELA (1)	BATER (COLIDIR) (simultâneo)
BATER-PORTA	BATER-PORTA (simultâneo)
ESCOVAR-OS-DENTES (1)	CAIR-COPO (sequencial)
FECHAR-PORTA (1) e (2)	CAIR-PAPEL (sequencial)
PINTAR	CAIR-CANETA (sequencial)
PINTAR-QUADROS	

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo apresentar e revisar a nova classe de verbos manuais proposta por Mak (2021): a classe de *verbos manuais com configuração de mão classificadora*. Em concordância com a autora, assumimos que a criação da nova classe é necessária para dar conta de verbos que não se enquadram em nenhuma das categorias propostas por Faria-Nascimento e Correia (2011). Entretanto, acrescentamos à proposta duas características importantes da nova classe: (i) os verbos apresentam CLs semânticos (SUPALLA, 1986) em suas realizações; e (ii) os verbos são formados por *blends* ou por composição sequencial ou simultânea. Ainda, pelo viés da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993) identificamos que os traços presentes nessa nova classe de verbos são os traços [-locativo] e [-animado]. Ressaltamos que este trabalho baseou-se essencialmente na realização dos sinais presentes no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (CAPOVILLA *et. al*, 2017), não considerando, então, todas as variações dialetais da libras ou possíveis formas da realização dos sinais analisados. Além disso, a análise aqui apresentada se opõe às análises apresentadas por Liddell (2003) e Xavier e Albuquerque (2024), as quais consideram alguns dos verbos aqui apresentados como verbos depictivos, mas, mais uma vez,

²¹ Alguns estudiosos da libras podem considerar que o sinal ACENDER-A-LUZ não apresenta sequencialidade, visto que a sinalização é feita a partir de duas configurações de mãos diferentes: a CM em S, seguida da CM aberta. Entretanto, ao considerarmos que a CM em S refere-se a um classificador de lâmpada, seguida do movimento que indica que ela foi acesa (CM aberta), tem-se a representação de um sinal de forma sequencial.

essa análise não se enquadra no escopo teórico do presente trabalho. Por fim, reforçamos que o presente trabalho restringiu-se a analisar as 37 entradas lexicais, já analisadas por Mak (2021). Dessa forma, acreditamos serem necessários estudos acerca de outros verbos manuais na libras, bem como da realização desses verbos em contextos reais de produção linguística a fim de verificar se estes se enquadram, ou não, na nova classe proposta pela autora, e de validar a existência dessa nova classe.

Referências

- BASSANI, I. S. Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. In: Sign Language Studies. Washington DC: Gallaudet University Press, 1974. p. 1-19, v. 5.
- BATTISON, R. Analysing signs. In: Lexical borrowing in American Sign Language. (2001c) Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978, p. 19-58.
- BERNARDINO, E. L. A. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. ReVEL. v. 10, n. 19, 2012, ISSN 1678-8931. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: jun. 2019.
- CAPOVILLA, F.; RAPHAEL, W. D. TEMOTEO, J.G., MARTINS, A.C. Dicionário da língua de sinais brasileira: A libras em suas mãos – Libras. v. I, II e III. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado, 2017.
- FARIA-NASCIMENTO, S. P. de; CORREIA, M. Um olhar sobre a morfologia dos gestos. Lisboa: UCP, 2011.
- FERREIRA, G. A. Um Estudo sobre os Verbos Manuais da Língua de Sinais Brasileira. 2013. 101 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- FERREIRA, G. A.; NAVES, R. R. Um estudo dos verbos manuais da Língua Brasileira de Sinais. Juiz de Fora: Revista Veredas de Estudos Linguísticos, 2014. v. 18 (1), ISSN 1982-2243. Julho de 2014.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth Locke; KEYSER, Samuel Jay (Eds.). The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993. p. 111-176.
- JAKOBSON, R. À Procura da Essência da Linguagem e Lingüística e Poética. In: Lingüística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 1969.
- LIDDELL, S. K. Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language. 1.ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.
- MAK, J. K. W. Formação de verbos manuais na libras. 2021 (Dissertação de mestrado) - Universidade Federal de São Paulo, 2021.
- MINUSSI, R. D.; TAKAHIRA, A. G. R. Observações sobre os compostos da LIBRAS: a interpretação das categorias gramaticais. Rio de Janeiro: Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2013. v. 9, n.1, ISSN 1808-835X 1. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2013.v9n1a4573>

- MINUSSI, R. D.; NÓBREGA, V. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas (UFJF)*, v.18, n. 1, 2014.
- PADDEN, C. Interaction of morphology and Syntax in American Sign Language. Doctor of Philosophy in Linguistics. Dissertation. San Diego: University of California, 1983.
- PADDEN, C. Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language. Outstanding Dissertations in Linguistics, Series IV. New York: Garland Press, 1988.
- QUADROS, R; KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUADROS, R. M. et al. Língua Brasileira de Sinais III Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008, ISBN 978-85-60522-12-5
- RODERO-TAKAHIRA, A. G. Compostos nas língua de sinais brasileira. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.
- SANDMANN, A. J. Morfologia Lexical. São Paulo: Contexto, 1990.
- SCHER, A. P. Morfologia Distribuída: formação de palavras na sintaxe. In: FIORIN, José Luiz. *Novos caminhos da linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p. 37-59.
- SOFIATO, C. G.; REILY, L.; ALBRES, N de A.; ALBRES-SANTIAGO, V. de A. Língua brasileira de sinais-Libras. Aspectos linguísticos e históricos. São Carlos: UFSCAR, 2012.
- STOKOE, W. Sign language structure: An outline of the visual communication systems of the American Deaf. *Studies in Linguistics, Occasional Papers 8*. Buffalo: University of Buffalo Press, 1960.
- SUPALLA, T. Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language. Unpublished doctoral dissertation, University of California, San Diego, 1982.
- SUPALLA, Ted. The classifier system in American Sign Language. In: CRAIG, Colette. (Ed.) *Typological studies in language: noun classes and categorization*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986. p. 181-214.
- SUPALLA, T. The classifier system in American Sign Language. In: CRAIG, Colette. (Ed.) *Typological studies in language: noun classes and categorization*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986. p. 181-214.
- TAGNIN, S. O jeito que a gente fala: combinações consagradas em inglês e português. Disal Editora: Barueri. 2013.
- XAVIER, A.; ALBUQUERQUE, L. Descrição e análise de sinais depictivos na libras. *Domínios de Lingu@gem*, v. 1. Uberlândia, 2024. DOI 10.14393/DLv18a2024-32.
- XAVIER, A.; NEVES, S. Descrição de aspectos morfológicos da LIBRAS. *Revista Sinalizar*, v.1, n.2, p. 130-151, jul./dez.2016. ISSN 2448-0797. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rs.v1i2.43933>
-